

Descripção da Acção de graças, e Festim, que se fês em a Villa de Ytú em o mez de Fevereiro de 1816 em rendimento da mais humilde, e leal vassalagem, e diminuto testemunho de gratidão a S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor pela Grande honra, e beneficio que se dignou conferir ao Brazil elevando-o á Ordem, e Graduação do Reyno.

Illuminou-se toda a Villa tres noytes successivas desde o primeiro athé o 3.º do referido mês. Erigio-se no pateo da Igreja Parochial hum Pavilhão, e Parnaso ricamente ornado, em cuja eminençia se fês hum magnifico Throno, em que se achava encuberta a Real Effigie do Mayor Principe do Mundo Nosso Augusto Soberano, e as inscripções, que na sua planta se verão.

Ao amanhecer do 4.º dia arvorou-se hũa Bandeira com as Armas Reaes no alto do referido Pavilhão correspondida com hũa Salva Real de 21 tiros. A' horas competentes do mesmo dia celebrou-se na mesma Parochial Missa solemne, e no fim *Te-Deum*, e hũa oração gratulatoria recitada pelo M. R. P. M. Fr. Francisco do Monte-Alverne em presença do corpo civil, Militar, Nobreza, Clero, e Povo. Findo este acto, sahio todo o concurso ao pateo da referida Parochial, onde estava postada a Tropa Miliciana, e immediatamente repetio-se outra Salva Real de 21 tiros; e depois desta, posto o Capitão-Mór Commandante da Villa (1) em meyo

(1) O capitão-mór era Vicente da Costa Taques Goes e Aranha, de que se fez menção em nota do fim do vol. IV e de quem se terá occasião fallar mais vezes em volumes posteriores a este.
(N. da R).

do pateo entre o Corpo civil, Militar, e Tropa tres vezes clamou:—*Viva o Principe Regente Nosso Senhor—Viva o Mayor Principe do Mundo*—á cujas vozes corresponderão tres descargas successivas da mesma Tropa com repetidos *vivas* de todo o concurso. Na noyte do mesmo congregou-se o Corpo Civil, Militar, Nobreza, e numerozo Povo no lugar do referido Pavilhão, e Parnaso, que se achava muito illuminado, e igualmente todo o pateo com grandes fogueiras; e logo repetio se 3.^a Salva Real de 21 tiros. Neste momento descubriu-se a Real Effigie, a qual o Corpo Civil, Militar, e Nobreza immediatamente prestou as homenagens da mais humilde, e leal vassalagem ao som harmoniozo de concerto instrumental, e muzica.

Depois disto, posto o referido Capitão-Mór em meyo da platea tres vezes clamou:—*Viva o Principe Regente*—e tres vezes glozou Apollo este Motte com repetidos *vivas* de todo o concurso; e voltando o Capitão-Mór ao seu lugar encerrou-se a Real Effigie, e continuarão as producçoens poeticas, e sonoros canticos athé o ponto de 14 Quadras, que limitarão este Festim, em cujo tempo descubriu se outra vês a Real Effigie com o mais profundo respeito, e humilhação, correspondendo a cada Quadra alternados *vivas* com geral contentamento, prazer, e alegria athé ultimamente enserrar-se a Real Effigie.

E foi este o rendimento de vassalagem, e diminuto testemunho de gratidão, que os humildes, e leaes Vassallos habitantes de Ytú puderão arranjar, e executar no breve espaço de seis dias, respirando os seus coraçõens o mais intenso, e fiel amor, a mais pura veneração ao mais Pio, mais



Benigno, e Mayor Principe de todo o Universo Nosso Augusto Soberano, e Senhor (1).

(1) Em relação a linguagem uzada em documentos antigos desta natureza, um illustre jornalista de S. Paulo escreveu o seguinte, que julgamos util reproduzir aqui :

«..... Afigura-se-nos que não foi desacertada a preferéncia
« que demos nesta columna a uma pagina da historia, mormente
« de historia patria, porque *historia, quoquo modo scripta, delectat*.
« E no caso vertente não é só o assumpto que attrahe, mas tam-
« bem o estylo. Este imprime á narrativa o caracter de uma ver-
« dadeira peça archeologica.

« Quem ler tal documento com as idéas de hoje, sem se tran-
« sportar em espirito para aquelle passado, encherá nas for-
« mulas empregadas e nos conceitos expressos, a mais rasteira e
« abjecta adulação, a lisonja a mais deprimente do caracter da
« gente daquelle tempo. Entretanto, essa apreciação fóra um grave
« erro, uma grande injustiça.

« Certamente nunca foi *o primeiro príncipe do mundo* esse
« pobre e pusillanime João VI. a quem se refere Oliveira Martins
« com tanto realismo e tanta verdade. Não é crível mesmo que
« aquelles que assim o appellidaram tomassem ao pé da letra o
« qualificativo ; nem tão pouco tivessem ignominiosos intuitos de
« adulação. Tambem o povo lisbonense, quando d. João VI fugia
« para o Brazil, ante as hostes de Junot, fervia de indignação
« contra a covardia... dos ministros de S. M., que obrigavam a seu
« amo e senhor á vergonhosa deserção.

« O sentimento popular era sincero, e não póde ser apreciado
« com justiça senão á luz (ou á sombra) das idéas, dos precon-
« ceitos e do atrazo da época...

« Tanto para os brazileiros de então, como para os nossos
« contemporaneos, d. João VI era um pobre homem, príncipe pelo
« nascimento, mas profundamente burguez, no physico e no moral,
« e burguez no peór sentido com todos os defeitos e os vezos
« ridiculos da creatura de horizontes acanhados, sem ideal, sem
« grandeza d'alma ou elevação de espirito.

« Mas, que querem, o estylo daquelle tempo exigia aquellas
« formulas emphaticas em relação ao sol da realza, e inversa-
« mente, um exagero de humildade em relação aos subditos. Essas
« pragmaticas não passavam de meras exterioridades, sem outro
« alcance ; mentiras convencionaes que a ninguem exaltavam
« ou deprimiam. Não temos ainda vestigios de analogas conven-
« ções, *verbi-gratia*—na correspondéncia epistolar ? Terá alguém
« a ingenuidade de interpretar restrictamente esses tratamentos